

IMAGEM CORPORAL COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO DA UNIVERSALIDADE E DA SINGULARIDADE: O OLHAR DAS CRIANÇAS

Aline Magioni Maróstica Mariano
Centro Universitário de Goiatuba - UniCerrado
magionimm@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a (des)construção da imagem corporal das crianças em tempos de cultura administrada. Busca a elucidação do problema de pesquisa proposto a partir das perguntas: que expressões da cultura administrada afirmam padrões estéticos na construção da imagem corporal em crianças? Quais os movimentos de contracultura infantil são produzidos pelas crianças? Objetiva-se, neste trabalho, compreender a relação entre os elementos da cultura e os movimentos das crianças para a (contra)cultura na construção de suas imagens corporais. Para entender esses pressupostos, toma-se como referencial de estudos e pesquisa o materialismo histórico-dialético. A coleta de dados foi realizada com o uso do desenho, das rodas de conversa e da bricolagem com crianças frequentadoras de uma praça pública do município de Goiatuba, GO. Os resultados da escuta das crianças apontam que elas são impactadas pela cultura administrada no delineamento de suas imagens corporais, porém, em contrapartida, as infâncias permanecem com características de resistência e subversão do campo frente aos imperativos da indústria cultural.

Palavras Chave: Imagem corporal. Criança. Corpo. Cultura administrada; Contracultura.

em parágrafo único, mínimo de três e, no máximo, cinco expressões em português, relacionadas ao tema do trabalho, separadas por ponto e vírgula. Times New Roman 10.

Introdução

O médico, psiquiatra e filósofo Schilder (1994) se tornou referência para os estudos da imagem corporal, ao incorporar contributos de diferentes áreas em suas pesquisas. Lançando mão da base fisiológica, da psicologia e da sociologia, o autor defende que esse tipo de imagem é a “figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (ibidem, p. 11) de forma tridimensional.

Ao anunciar que “uma imagem corporal sempre é, de algum modo, a soma das imagens corporais da comunidade, de acordo com os diversos relacionamentos na comunidade” (Schilder, 1994, p. 261), inaugura-se a dimensão das relações entre as pessoas como componente das próprias imagens corporais.

Desta forma, faz-se necessário pensar o corpo nas infâncias considerando a influência da experiência adulta, “máscara dos adultos” que tanto pode refletir o esclarecimento quanto a amargura, capaz de “empurrar desde já para a escravidão da vida”, como afirma Benjamin (2009). Trata-se, no entanto, de vislumbrar igualmente a possibilidade de que a infância seja permeada também de infância, pois, por meio da incoerência contida em suas brincadeiras – inclusive com o corpo como brinquedo –, “as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande” (ibidem, p. 104). Assim,

a infância e o corpo são observados como outros da razão ou, dito de outra forma, como experiências que, em sua integridade, podem resistir aos imperativos da razão instrumental porque são lugares e tempos que afrontam o logocentrismo e o

fonocentrismo. Esta observação considera, portanto, a crítica dos processos de dominação e minoridade levados a cabo pelo Aufklärung em seu lado noturno[...] A educação, como expressão de uma dialética do esclarecimento e como autorreflexão crítica, indica a perspectiva de resistir aos processos de dominação e barbárie, inscritos tanto no processo civilizador como nos atores que o compõem (Richter; Vaz, 2008, p.81).

Esta pesquisa, recorte de estudo mais abrangente, tem caráter essencialmente qualitativo, utilizando-se de técnicas de obtenção de dados como a bricolagem, a roda de conversa e os desenhos, tendo um roteiro de perguntas previamente definidas orientadoras da coleta de dados, sem deixar de priorizar a escuta das crianças. O problema de pesquisa que orienta este trabalho é norteado pelas seguintes questões: quais expressões da cultura administrada afirmam padrões estéticos na construção da imagem corporal em crianças de seis a dez anos? Por outra imagem corporal, quais os movimentos de contracultura infantil são produzidos pelas crianças? Como método de análise, adota-se o Materialismo histórico-dialético a partir dos referenciais críticos para entender a relação entre sujeito e sociedade, sociedade e cultura, corpo e cultura, e objetividade e subjetividade.

Foram utilizados Termos de Consentimento e de Autorização de uso de imagens dirigidos aos responsáveis legais e Termos de Assentimento com linguagem apropriada às crianças.

Objetiva-se, neste trabalho, compreender a relação entre os elementos da cultura e os movimentos das crianças para a (contra)cultura na construção de suas imagens corporais.

Desenvolvimento

De maneira geral, os dados desta pesquisa retratam as tensões por meio das quais as crianças estão envolvidas enquanto sujeitos e produtores de determinada concepção de cultura constituída na dialética inclusão/exclusão. Mostram também que as relações estabelecidas por elas com os adultos e os pares iguais (crianças) expressam o lugar de classe social, o preconceito, os padrões estéticos hegemônicos e uma forte tendência à cultura do branqueamento. Os dados aqui expressos corroboram com os estudos de Arroyo (2019, p. 117), ao indicarem a impossibilidade de se viver “à margem das grandes tensões e barbáries sociais”.

Nos diálogos transcritos a seguir, as falas remetem a projeções de imagens corporais permeadas pela estética eurocêntrica e compostas pelo ideal de beleza branca:

Pesquisadora: E se o espelho realizasse um desejo sobre o corpo de vocês? O que vocês gostariam de pedir?

Mariana: **Para ser mais clarinha** e sarar o meu machucado.

Em outro momento, ela diz:

Mariana: **Eu não ia querer ser escura.**

Pesquisadora: Escura como?

Mariana aponta para a imagem de uma criança negra que está em sua folha.

Pesquisadora: E por quê?

Mariana: **Porque eu acho feio.**

Pesquisadora: Se o gênio da lâmpada realizasse um desejo de mudar alguma coisa em seu corpo, você mudaria?

Raul: **Queria ser mais clarinho [...]. Fica feio preto** (diz em frente ao espelho) (grifos da autora).

Ao ressaltar os usos ideológicos e políticos dos termos “raça”, “cor” e “cor da pele”, Guimarães (2011, p. 270) traduz sua indignação ao inferir que “infelizmente, etnias, raças e cores humanas revelam-se refratárias às formas de esclarecimento pela razão. É como se fosse impossível ao ser humano, não apenas fugir à sociedade, mas ultrapassar formas de solidariedades grupais mais estreitas.

Na esteira de Arroyo (2019), entende-se que há uma a naturalização dos comportamentos, inclusive nos processos educativos, em que as crianças parecem fadadas a ser, realizar e pensar conforme suas possibilidades inatas. As “inclinações” morais para o bem ou para o mal e a capacidade de aprender mais rápida ou lentamente se naturalizam como se dependessem apenas de sua herança biológica e, de modo tão ou mais perverso, da própria condição racial e social também naturalizada e impassível.

Na interação com os adultos e o mundo em que todos se inserem, as crianças trazem dados objetivos para a construção de suas imagens corporais. Em se tratando da sociedade administrada, “todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade. Na fraqueza deles, a sociedade reconhece sua própria força e lhes confere uma parte dela. Seu desamparo qualifica-os como pessoas de confiança” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 127).

Os preconceitos permeiam a educação e a cultura, na medida em que o *status quo* não é questionado. A infância ou as crianças não constroem ou inventam os preconceitos; elas são forjadas no seio da sociedade nas (e pelas) relações entre adultos a partir de uma dada ideologia. No caso das crianças ouvidas nesta pesquisa, as imagens de corpo belo ou bom se relacionam, em parte, com o padrão eurocêntrico de beleza e se aproximam da ideia de um corpo rico, limpo, branco e utilitário. Políticas de branqueamento, racismo estrutural e padrões de corpo estabelecidos na administração da cultura e veiculados pelas mídias competem com as imagens de corpos em suas singularidades e universalidades – tais corpos humanos, com suas cores e formas próprias, são marcados pela condição de classe, passíveis do ócio e da imaginação.

Pesquisadora: E se vocês pudessem escolher uma pessoa para não se transformar nela porque ela é feia, como seria essa pessoa?

Álvaro: Em um pobre.

Diogo: Eu não queria ser policial, nem borracheiro... porque é feio.

Pesquisadora: E se vocês pudessem escolher uma pessoa para se transformar nela porque ela é bonita, em quem se transformariam?

Álvaro: Em um rico (grifos da autora).

No entanto, em movimento de contracultura, as crianças dizem sobre a imagem, os movimentos e os usos dos corpos apropriados e construídos com um cunho diferente daquele apresentado no mundo da ciência e da técnica que, consoante a Soares (2013), se vinculam ao desenvolvimento de força, coragem, vitalidade e caráter, além de se alinharem com a eficiência e eficácia dos movimentos. O belo se mostra possível, ainda que esteja fora do padrão encontrado em outras falas das crianças pesquisadas, como pode ser verificado nestes fragmentos:

Pesquisadora: E o corpo de uma fada bonita? Como é?

Paula: Normal.

Pesquisadora: E normal é como?

Paula: É normal, ué... do jeito que ela nasceu. Pode ser sem perna, sem braço... Normal, cada um com sua aparência.

Pesquisadora: E qual das crianças que estão na folha de vocês é a mais bonita?

Helena: Eu acho que todas.

Mariana: A que tem vestido.

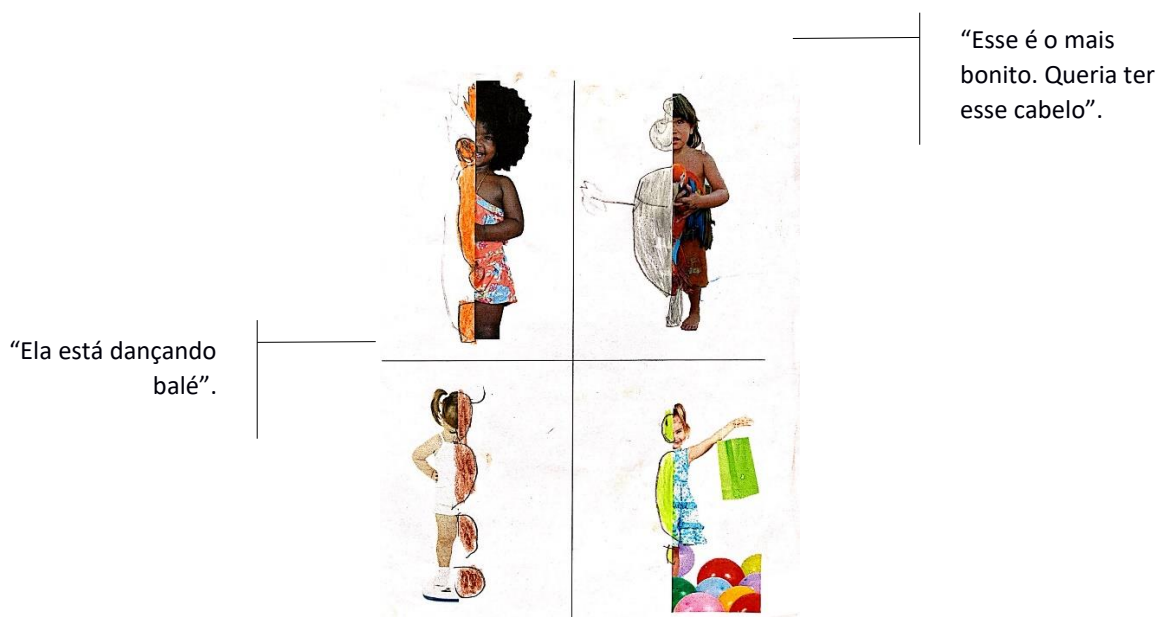
Helena: Todos os corpos daqui são diferentes, mas são todos lindos. Essa daqui é rainha, e a outra faz natação.

Pesquisadora: Vamos imaginar que vocês estão vendo uma pessoa bonita no espelho. Como seria essa pessoa? Corpo alto ou baixo? Gordo ou magro?

Mariana: Baixinho.

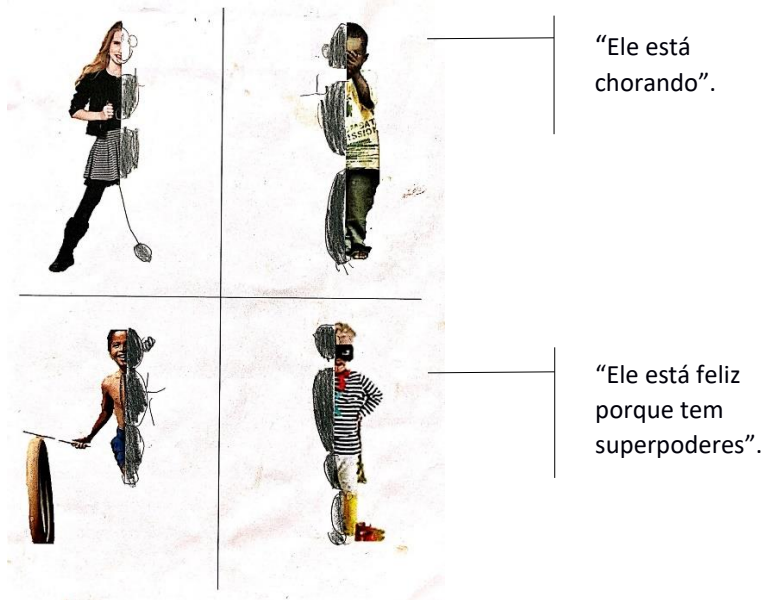
Na sequência, há espelhamentos dos desenhos elaborados pelas crianças.

Figura 01 – Primeiro espelhamento de Diogo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2020).

Figura 02 – Segundo espelhamento de Diogo



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2020).

Figura 03 – Espelhamento de Helena



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2020).

As crianças, durante uma atividade de bricolagem que envolveu imagens de “youtubers” que *propagam conteúdos ditos infantis*, demonstram certa condição de reconhecer alguns pontos dos conteúdos organizados pela indústria cultural como mercadorias, sem se identificar com elas:

Pesquisadora: Quem ensina tudo errado?

Letícia, Beatriz e Denise: O Luccas Neto!

Pesquisadora: O que ele ensina?

Letícia: Comer muito doce, fazer bagunça... **e ele ensina a comprar tudo dele na loja.**

Beatriz: Eu não gosto dos brinquedos dele... muito chatos... só gosto do boneco.

Diogo Eduardo: Um dia ele ficou doido. Ele comprou um monte de doce e ficou egoísta. Não deu nenhum doce para a Gi.

Beatriz: Eu dou doces para todo mundo.

Pesquisadora: Olha, a Maria Clara e o JP!

Beatriz: Um dia, eles pediram muito um bebê de verdade, e a boneca que parecia um bebê virou um bebê! O sonho deles se realizou!

Letícia: Foi edição de vídeo.

Pesquisadora: O que é edição de vídeo?

Letícia: Eles editam para parecer verdade (grifos nossos).

Nas configurações de corpo citadas pelas crianças nesse recorte da pesquisa, atenta-se para o distanciamento dos elementos morais – no sentido do que é ser bom ou mau, por exemplo – e da ideia de um corpo utilitário, no sentido instrumental. Isso se mostra também na conversa estabelecida durante a atividade do autorretrato:

Pesquisadora: E o que é o corpo?

Helena: É o nosso corpo... tem muita coisa dentro da gente... tem coração, tem cérebro.

Gustavo: Isso aqui (apontando para si) [...]. Senão, ia ser corpo de animal.

Álvaro: É o ser humano.

Alice: É uma fada.

Pesquisadora: E para que serve o corpo?

Alice: Para brincar e estudar.

Letícia: Para se mexer... essas coisas.

Helena: Para brincar.

Ao dar crédito ao aporte teórico que apresenta as crianças como sujeitos de direitos, seres sociais com especificidades da infância, pondera-se aqui – de forma ainda grosseira, embora pensada – que as interfaces das crianças com o modo de produção capitalista na condição de não trabalhadoras resguardam nelas a condição de imaginar, de se distanciar da cultura administrada que tangencia o corpo e buscar outros lugares para a imagem corporal, diferentemente do adulto, pois

as crianças não estão, como opina Hebbel, tão enredadas nas ilusões da “estimulante variedade” para que a sua percepção espontânea não apreenda a contradição entre o fenómeno e a sua fungibilidade, que a percepção resignada dos adultos já não consegue registar, nem tente a ela subtrair-se. O jogo é a sua defesa. À criança não corrompida causa estranheza a “peculiaridade da forma equivalente” (Adorno, 2001, p. 221).

A contracultura infantil está amalgamada ao que Pinto (1997, p. 65) nomeia “mundos sociais da infância”, que incluem os “modos diferenciados como as crianças usam, se apropriam e atribuem sentido aos espaços, tempos, serviços e lógicas das instituições criadas pela sociedade adulta para a socialização dos mais pequenos”. Tais inferências fazem coro ao entendimento de que, compreendendo que as interpretações das culturas infantis “não podem ser realizadas no vazio social, e necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem” (Pinto; Sarmiento, 1997, p. 22), depreende-se que

as culturas e relações sociais das crianças merecem ser estudadas em si mesmas, e autonomamente face às perspectivas e preocupações dos adultos; as crianças são e devem ser vistas como seres activos face ao seu mundo próprio e face à sociedade em que vivem e não são sujeitos passivos das estruturas e processos sociais (Prout; James, 1991 *apud* Pinto, 1997, p 68).

Dessa maneira, a reprodução interpretativa, abordagem de socialização na infância trazida por Corsaro, denota acrescer às proposições anteriores, indicando que as crianças são capazes de criar cultura com seus pares, apropriando-se e reproduzindo “informações do mundo adulto de forma a atender seus interesses próprios enquanto crianças”. Assim sendo, “afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros”, internalizam seus elementos, mas contribuem para sua mudança (Corsaro, 2009, p. 31). A imaginação e a brincadeira são indicadas como meios pelos quais as crianças não apenas tornam “concretas essas significações apreendidas, como ela se apropria transformando-as em ação”, traduzem Pedrosa e Santos (2009, p. 54).

Conclusões

Conforme os dados da pesquisa, tais crianças demonstram ser impactadas por estereótipos que há muito vêm sendo formatados. A “cor de pele” colorida com o lápis “rosa claro” ou a “pele mais clarinha” e suas variantes vocabulares marcaram inúmeros momentos da pesquisa, em diferentes técnicas de coleta de dados, o que traz a necessidade de tentar compreender as falas das crianças, suas reações e interações em movimento dialético. Se por um lado constata-se que existe um ideal de beleza eurocêntrica padronizado por certa cultura administrada, por outro, os componentes históricos e sociais também demonstram deixar fortes marcas, caminhando todos de forma conectada.

Em contrapartida, a escuta das crianças partícipes desse estudo e as imagens produzidas por elas permitem perceber que, apesar das propostas que lhes vêm prontas, existe um outro lugar possível, de resistência, de subversão e da contracultura, permitindo que o ser criança continue se mantendo, apesar do que lhes vem pronto.

As crianças, em nenhum momento, são alijadas dos impactos do modo de vida que rege a sociedade, bem como sua vida também se inscreve na história e se relaciona com ela em sua construção, e isso inclui a visão adultocêntrica sobre elas e a incidência disso nos processos educativos, formais ou não. Se as crianças participantes da pesquisa não trabalham, não tendo, portanto, sua rotina diária envolvida diretamente com a força produtiva, a construção da imagem corporal por elas é mesmo assim impactada pela objetividade, pois em seus corpos se desdobram as marcas de seu tempo e da história.

Referências

- ADORNO, T. W. **Mínima Morália**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2009.
- CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009, p. 31-50.
- GUIMARÃES, V. C. **Sujeito e cultura em o Mal-estar da Civilização**. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2011.
- PINTO, M. A infância como construção social. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças**: contextos e identidades. Minho: Tiligráfica, 1997, p. 33-72.
- PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças**: contextos e identidades. Minho: Tiligráfica, 1997.
- RICHTER, A. C.; VAZ, A. F. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 26, n. 3, jul. 2008. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/161>>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. Tradução de Rosane Wertman. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.